

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Departamento de História

A Prostituição em Natal nos Anos 40.

Ricardo Samy Sousa Barbosa

Natal – RN

2006

Ricardo Samy Sousa Barbosa

A Prostituição em Natal nos Anos 40.

Monografia apresentada à Disciplina Prática de
Pesquisa Histórica II exigida para complementação do
curso de História Licenciatura e Bacharelado, da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
sob a orientação da Professora Conceição Guilherme.

Natal – RN

2006

Agradecimentos

A Deus primeiramente, a meus pais, a meu irmão Gustavo, a minha esposa Andréa, a meu amigo Gecionny Pinto (pelo tema), a minha orientadora Conceição Guilherme, a Kokinho, às Irmãs Elizete e Neusa Ramos Nery e a professora Dominique Françoise (coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Estudos Sobre a Mulher da UFRN) pela informação à respeito do Instituto Bom Pastor.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	03
Introdução.....	05
Capítulo I.....	06
Capítulo II.....	19
Capítulo III.....	33
Considerações Finais.....	41
Referências Bibliográficas.....	42
Anexo.....	43

Introdução

A presente pesquisa pretende abordar o tema, prostituição em Natal nos anos 40, relatando o seu aumento com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, especificamente Natal no período em que cedeu bases militares aos americanos nesse período.

Com a Segunda Guerra Mundial vieram para Natal soldados, marinheiros, aviadores dos Estados Unidos, donde iriam partir e receber os que se preparavam para decidir a luta contra as forças do Eixo. Ao mesmo tempo, Natal começa a modificar-se, de uma pequena província se transforma em uma nova cidade, influenciada pela língua, costumes e dinheiro norte-americanos. O comércio natalense se expande, a vida pacata rotineira é substituída pelos bailes na Base Militar norte-americana, os “gringos” mantinham contato com os povos da cidade, enfim, era uma “verdadeira festa” (grifo meu).

O trabalho se concentra no período em que os americanos movidos pela importância estratégica da cidade do Natal, instalaram-se na capital a sua base aérea que veio marcar profundamente de forma definitiva a história de “Parnamirim Field”. Não se tem a preocupação de aprofundar a importância bélico-militar da cidade do Natal, nem grandes curiosidades que levaram Natal a ser conhecida como o “Trampolim da Vitória”. Procura-se com esta monografia lançar um novo olhar sobre Natal, analisar a situação das prostitutas que após a saída dos americanos a prostituição entrou em processo de declínio em comparação com o período de guerra.

A monografia tem como enfoque apresentar a prostituição no contexto de guerra e após, quem foram às pessoas que contribuíram para combater a miséria em que viviam as prostitutas com a desmobilização militar.

Capítulo 1

Indicadores Sócio-Culturais de Natal no Período da Segunda Guerra Mundial

A partir do final dos anos 30, mais precisamente no ano de 1939, eclodo na Europa, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), como afirma Itamar de Souza: “Natal foi alvo pela terceira vez de estratégias internacionais. A primeira foi no século XVIII, quando ocorreu a invasão holandesa; a segunda, em 1935, com a Insurreição Comunista; e a terceira no período de 1941-1945, com o advento dos americanos que, aqui, se instalaram para combater os alemães a partir do Norte da África. Por conseguinte, tornou vulneráveis as estratégias internacionais”¹. No panorama internacional como localidade importante da situação naquele momento, que exigia operações internacionais, tornou-se fator influente na preservação da soberania nacional e das Américas devido a sua proximidade com o litoral africano (Dakar, Casablanca).

Assim que deflagrou a II Guerra Mundial no continente europeu, em setembro de 1939, as autoridades norte-americanas iniciaram a aproximação com o presidente Vargas buscando a sua adesão ao bloco das potências aliadas (inicialmente composto pela Inglaterra e França, o papel dos EUA ainda era adesionista) na luta contra as nações do Eixo: Alemanha, Itália e Japão.

Os acordos entre o Brasil e Washington, iniciaram já em 1938 na Conferência de Lima e os acordos de Washington em 1939², fortaleceram esses laços de cooperação de guerra, Getúlio que oscilava entre a dúvida e a esperteza foi vencida a sua fase de simpatia pelos alemães, em 1941, permitindo aos americanos construir em nosso território, suas bases militares e em troca o Departamento de Estado norte-americano se

1 – SOUZA, Itamar de. O impacto da II Guerra em Natal. Diário de Natal, nº6, p.147.

2- PEDREIRA, Flávia de Sá. Chiclete eu misturo com banana. p.118

dispõe a cooperar com materiais de guerra aos países da América Central e do Sul para a defesa do Continente.

No caso do Brasil e os Estados Unidos, três convênios adicionais foram assinados entre os representantes dos dois países em Washington, Summer Welles, representando os EUA e Artur de Souza Costa, pelo Brasil, aumentando a produção de matérias-primas estratégicas, cogitando ao mesmo tempo, dar mais subsídios para o Brasil meios para sua defesa.

Dessa forma, o Brasil é um dos primeiros países sul-americanos a afirmar acordos comerciais com os norte-americanos para empréstimos e arrendamentos.

Além do mais, um dos acordos acima citados compreende a concessão de créditos norte-americanos de compra num total de 100 milhões de dólares³, assim como, outros convênios serão firmados posteriormente, visando à intensificação da produção de borracha e a obtenção de férias em grande escala, bem como o aperfeiçoamento dos meios de transporte (...) ⁴.

Com esse acordo de crédito de 100 milhões de dólares para reequipar o exército brasileiro com matérias de guerra (armas, bombas, tanques, navios, aviões), o Brasil disponibilizaria para as forças armadas norte-americanas portos, enseadas, aeroportos e instalações aeronáuticas em regiões do Sudeste (Rio de Janeiro), Nordeste (Natal, Recife, São Luís) e Norte (Amapá, Belém).

Apesar dos acordos de comércio bilaterais entre Brasil e EUA, havia uma resistência inicial em colaborar com o governo, a simpatia existente entre grande parcela das autoridades brasileiras com as idéias nazi-fascistas.

3 - Ibid.p,118.

4 - Ibid.p,118.

Essa posição ambígua só muda no ano de 1941 quando os japoneses atacaram a base norte-americana de Pearl Harbot, no Pacífico e a agressão alemã aos países neutros, no caso, navios mercantis brasileiros foram afundados por submarinos alemães levando a protestos e pressões, tanto da opinião pública quanto de diferentes setores da sociedade brasileira, revelando a sua preferência pelos aliados (Inglaterra, França, EUA e URSS), tendo em vista as tradicionais afinidades culturais entre Brasil e os franceses e ingleses, assim como a maior parte dos investimentos e empréstimos no país, advinham dos ingleses e norte-americanos.

Outro fator pertinente e que foi de importância decisiva foi a construção da Usina Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda no Rio de Janeiro, no qual os Estados Unidos financiaram a sua construção e cooperariam com os recursos técnicos e em troca adquiririam nossas matérias-primas essenciais para a sua indústria, sobretudo a borracha e o ferro.

Segundo Flávia Pedreira, outro acordo previa a instalação no Rio de Janeiro de duas missões militares norte-americanas (exército e Aviação) e, em abril, um novo acordo para a marinha americana facilitando as suas operações na costa brasileira, traçando um triângulo entre Natal, Recife e Fernando de Noronha, como acesso ao trecho Natal-Dakar, chamado pelos americanos de Trampoline to Victory⁵.

Em decorrência da vinda de efetivos da guerra tanto brasileiros quanto norte-americanos, Natal passa a ser o sustentáculo da defesa do Nordeste. Em 12 de dezembro de 1941⁶ é criado o 16º Regimento de Infantaria (16º RI), em 1942, a base de Parnamirim, local onde se instala a base aérea norte-americana, através de decreto-lei

5 – Ibid., p.123.

6 – SOUZA, Itamar de. O impacto da II Guerra em Natal. Diário de Natal, nº. 6, p. 148 - 149

Assinado pelo presidente Getúlio Vargas levando os Estados Unidos a transferirem seu quartel-general do Atlântico Sul da Guiana Inglesa para Natal.

Desde 1940, o Rio Grande do Norte era governado pelo interventor Rafael Fernandes e a cidade do Natal, administrada pelo prefeito Gentil Ferreira, que governava pelo segundo mandato consecutivo desde 1935.

Do ponto de vista econômico, o Rio Grande do Norte tinha no algodão, no sal e na cera de carnaúba, o suporte maior de sua economia. Natal possuía de 10 a 12 indústrias, todas ligadas a esses setores tradicionais, o setor bancário contava com o Banco do Brasil, Banco do Rio Grande do Norte, Banco dos Auxiliares do Comércio e o Banco Comércio e Indústria, este último fundado em março de 1940, com capital da terra⁷.

Natal era uma cidade pequena, de hábitos provincianos, como afirma Clyde Smith, que no ano de 1940, tinha uma população de 52.582 habitantes e que a quantidade de água existente, para o abastecimento da cidade era suficiente para uma população de 500.000 habitantes. Esses reservatórios dos quais vinham toda a água, situados todos nas dunas de areias ou próximo a elas. Nesse mesmo ano, havia 59 reservatórios servindo a cidade⁸. Os principais localizados nos bairros das Dunas, Lagoa Nova e Baldo. Havia também, muitos outros nos bairros de Petrópolis e Lagoa de Manoel Felipe.

O saneamento da cidade era considerado moderno, do tipo Dorr, capacitado a tratar

7 – MARIZ, Marlene da Silva e SUASSUNA, Luís Eduardo Brandão. História do Rio Grande do Norte, p.327 e 328.

8 – SMITH JR, Clyde. Trampolim para a Vitória, p.15

2.640.000 galões de material de esgoto por dia⁹. Os despejos da cidade baixa (Ribeira) eram bombeados para a estação, onde o líquido era purificado, o sólido “digerido” e então o líquido purificado (5% de material em suspensão) era despejado no Rio Potengi, ao norte da cidade¹⁰. A estação usava gás de esgoto para a sua operação e era mais do que adequada para a população. Os bairros afastados, entretanto, ainda usavam fossas sépticas.

Em relação aos edifícios públicos, Natal contava com o Quartel de Polícia do Estado, o Quartel de Polícia da Cidade, o Palácio de Justiça, o Departamento de saúde pública e o Escritório de Controle de Malária. No setor da saúde Pública, a cidade contava com o hospital Miguel Couto (hoje o Onofre Lopes), a Policlínica do Alecrim, o asilo de alienados, o Hospital São João (para o atendimento de tuberculosos) a Colônia São Francisco de Assis (para o atendimento de leprosos) e a Maternidade Januário Cicco em fase de construção. A vida cultural da cidade se concentrava em entidades científicas como a Academia Norte-Riograndense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o Aero-Club do Rio Grande do Norte, onze clubes esportivos, três jornais – A República, A Ordem e o Diário de Natal, uma agência de publicidade a Agência de Publicidade de Natal, fundada por Sandoval Vanderley e o decorador Gim.

Em relação aos hotéis, na época, Natal só possuía um hotel construído pelo engenheiro e prefeito Gentil Ferreira para atender a aviação comercial que tinha os seus

9 – Ibid, p.15.

10 – Ibid, p.15.

Escritórios instalados na cidade, sendo inaugurado em 13 de maio de 1939¹¹, que pertencia ao Estado e foi arrendado a Theodorico Bezerra.

Um ponto que merece destaque para Flávia Pedreira, é a mudança política norte-americana de intervenções militares que levavam os países americanos a demonstrarem rivalidades e desconfianças. A Política da “Boa Vizinhança” foi colocada como um dos enfoques da política do presidente Roosevelt e seu subsecretário Summer Welles, desde 1936, durante a Conferência Interamericana de Buenos Aires, respeitando a soberania de qualquer país americano e que a defesa do continente era algo coletivo, queriam na verdade, mudar a imagem que tinham durante muito tempo de valorização do homem branco, protestante, condutor do progresso, superior, contrabalançando com a imagem oposta e negativa para os latinos americanos que para sair do atraso, tinham que seguir a imagem do Tio Sam. Flávia afirma também que essa política de integração dos países americanos remonta a década de 20 nos governos dos presidentes norte-americanos Harding e Coolidge que optaram em negociar ao invés de intervir (conflitos com o México e Honduras) e na administração do presidente Herbert Hoover, eleito em 1928, em suas viagens a América Latina, usou pela primeira vez a expressão “good neighbour” (“Política de Boa Vizinhança”).

Entre a intelectualidade norte-americana, havia uma geração em sintonia com os latinos-americanos, questionando o caráter segregacionista e materialista-consumista da sociedade americana. Criticavam as interpretações preconceituosas que vários jornais faziam de nossa singularidade cultural afirmando que o essencial era entender exatamente aquilo que o senso comum apontava como qualidade depreciadoras: o aspecto selvagem e natural de certos grupos sociais de seu próprio país e dos povos latino-americanos¹². Intelectuais como Mary Austin, Frans Boas, John Collier, Robert

11 - SOUZA, Itamar de. O impacto da II Guerra em Natal. Diário de Natal, nº6, p.144.

12 – PEDREIRA, Flávia de Sá. Chiclete eu misturo com banana, p.127.

Henrick, Lewis Munfort, de certa forma, entraram em contato com os índios Pueblo do Novo México, aprendendo seus costumes, danças, comidas, músicas para assim criticar o “American way of life” (estilo de vida americano), um modelo cultural no modo desses intelectuais, viciada, capitalista e materialista.

A relação de solidariedade entre as nações americanas, era na defesa da Democracia assim como em uma série de princípios como fé nas instituições republicanas, liberdade, dignidade e direitos pessoais invioláveis do indivíduo, proibição ao uso da força como instrumento de política nacional e internacional, soberania igual aos norte-americanos, defendidas pelos representantes dos Estados Unidos, mesmo que na prática em algumas nações americanas, na sua política interna (como no caso do Estado Novo, a ditadura varguista) não correspondesse com sua forma de poder.

Para Câmara Cascudo os artigos publicados no jornal A República, no ano de 1943, questionou o conceito de Pan-americanismo originado dos EUA, explanando sobre diversos países da América Latina. A Guatemala foi a pioneira e para endoçar seu discurso, ele ilustra como exemplo de Simon Bolívar como iniciador do Pan-americanismo ainda no século XIX¹³ e que tal conceito não tem origem norte-americana. Acompanhando as declarações e propósitos pan-americanistas afirmados nas conferências governamentais norte-americanas que passaram a enfatizar todo um trabalho de persuasão ideológica, como o Office of the coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA), agência coordenadora de esforços subordinada ao Conselho de Defesa Nacional dos Estados Unidos e entregue à direção do milionário Nelson Rockefeller. Essa agência foi criada em 1940 para tomar uma série de medidas abrangentes (econômicas, políticas e de propaganda) no intuito de “promover a

13 – Ibid, p.127 e 128.

cooperação interamericana e a solidariedade hemisférica”, bem como afastar as influências do Eixo no continente¹⁴. No caso, a influência do Eixo, especificamente em Natal se resumia em dois países, a Alemanha e a Itália. Tanto um quanto o outro, desde a década de 20, tinham uma atenção especial em expandir seus vôos comerciais para a América do Sul, o que não quer dizer que não tivesse outros países envolvidos como os franceses, os americanos, os ingleses. Linhas aéreas intercontinentais, ligando Paris a Buenos Aires ou Roma à capital portenha, foram instalados tomando Natal como escala imprescindível¹⁵.

Outras agências, que inclusive entrariam em conflito com o OCIAA, defendiam uma postura mais militarizada e não somente persuasiva, para as questões da América Latina, como por exemplo, o Office of Strategic Services (OSS), o Coordinator of Information (COI), criada em 1941, e o War Information (OWI), criada em 1942, todas elas agências de informação e espionagem, sob a responsabilidade do coronel reformado William J. Donovan, conhecido por “Wild Bill”, por representar a linha dura da Good Neighbour Policy¹⁶ (Polícia da Política da Boa Vizinhaça).

Os tempos da diplomacia defendidos a partir da década de 20, não tinham mais espaços para a política imperialista norte-americana do “Grande Porrete” (Big Stick) criado no governo de Theodore Roosevelt e nem na Doutrina Monroe que objetivava ampliar a dominação de Washington a todo o continente americano, a nova orientação de Franklin Roosevelt era apoiar na “diplomacia do dólar” (grifo meu) dos Rockefeller, substituindo às intervenções militares por um intervencionismo mais sutil.

O papel a ser desempenhado por Nelson Rockefeller e o seu OCIAA seria o de mudar a imagem e o sentimento anti-americano vigente entre a maioria dos

14 – Ibid, p.128.

15 - SOUZA, Itamar de. O impacto da II Guerra em Natal. Diário de Natal, nº6, p.146.

16 - PEDREIRA, Flávia de Sá. Chiclete eu misturo com banana, p.128.

povos latino-americanos através de um intensivo trabalho de persuasão e de certa forma ampliaria os seus lucros na América. Em consonância com outros empresários idealizou a criação do OCIAA, antes, porém, de sua criação “já havia um intercâmbio cultural entre os Estados Unidos e o Brasil. No plano oficial, essa política de aproximação era dirigida pela Divisão Cultural do Departamento de Estado. No plano da iniciativa privada, isso foi feito pelos grandes estúdios cinematográficos”¹⁷.

No Brasil, em 1938 é criada a União Cultural Brasil – Estados Unidos, responsável pelos projetos de intercâmbio cultural entre brasileiros e norte-americanos nas chamadas “missões de boa vontade”, personalidades conhecidas do grande público, como Carmem Miranda, Walt Disney, Ary Barroso, John Ford e tantos outros¹⁸. A divisão brasileira ficou a cargo de Berendt Friele (homem de confiança de Rockefeller), atuando através de um Comitê de Coordenação composto por empresários norte-americanos, com sede em São Paulo e Rio de Janeiro e vários subcomitês em cidades litorâneas estratégicas (como por exemplo, Natal, Recife, Fortaleza, Belém), com o apoio da Embaixada norte-americana e do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda, criada no Governo Vargas e responsável pela censura, assim como o planejamento cultural do país).

Nesse trabalho de persuasão ideológica, o rádio terá uma importância singular, mais até que o cinema, já que envolve uma parcela da população brasileira. No caso de Natal, antes de 1938, não possuía uma emissora de rádio. Nas palavras de Itamar de Souza, Natal assemelhava-se a uma cidade do interior. Deliciava-se com os programas da difusora do Srº Luís Romão, chamada Indicador da Agência Pernambucana. A partir

17 – Ibid, no entanto, o OCIAA não era uma extensão de programas de colaboração interamericana já existente, era uma agência ligada à segurança nacional dos EUA, segundo Moura, op. Cit. (1995, p.21), p.129-130.

18 – Ibid, p.131.

de 1938, ele começou a instalar os seus auto-falantes distribuídos em quase todos os bairros da cidade, chegou a ter 22 auto-falantes. Três grandes programas, misturando, músicas com noticiários de guerra, eram transmitidos diariamente para os quatro cantos da cidade onde se costumava a transmitir programas da Rádio Nacional e também da BBC de Londres¹⁹ (British Broadcasting Corporation).

A atuação da divisão brasileira do OCIAA ligada ao DIP, tem uma sede em Natal, promove a idéia de colocar em estações transmissoras programas norte-americanos leva a sede do DIP em Natal a criar a Rádio educadora de Natal (REN) em 1939, na Av. Deodoro da Fonseca em terreno doado pelo Estado e que o governo federal só autorizou o seu funcionamento em 1941. A demora no seu funcionamento se deu devido ao alto custo para a construção da sede e de seus equipamentos.

A vantagem do rádio é que na época, atingia uma parcela significativa da população brasileira que estava interessada em acompanhar as notícias da guerra na Europa que era noticiado através de seus locutores.

A estação norte americana NBC transmite todos os sábados das 19:45 às 20:00 horas um interessante programa, denominado “A vida nos Estados Unidos”, é dedicado ao Brasil, sendo seu locutor nosso Patrício Valter Silva²⁰.

O rádio passou a ser uma nova alternativa para a sociedade que possuía poucas opções de programação cultural levando alguns a lamentarem os cabarés e os bares noturnos (bas fonds).

Essa situação só veio a modificar-se com a chegada da guerra, onde se realizava diariamente eventos culturais e esportivos, muitos organizados pelos clubes militares norte-americanos, com as famosas reuniões dançantes do Clube dos Oficiais

18- Ibid.p.131.

19- Souza, Itamar de. O impacto da II Guerra em Natal. Diário de Natal, nº. 6, p.145.

20- PEDREIRA, Flávia de Sá. Chiclete eu misturo com banana, p.134.

Americanos (USO). Não quer dizer com isso que desapareceram os cabarés, muitos pelo contrário, houve um aumento devido à presença do contingente de guerra que aumentou o dinheiro circulante, fator que atrai a prostituição. Em compensação, houve uma diversificação cultural na programação local, tais como músicas carnavalescas, campeonatos de frevo, bailes no Aero-Club.

Com a vinda de militares brasileiros e norte-americanos para Natal, surgiram os primeiros problemas gerados para a população local. Em pouco tempo, a população aumentou quase 20% e seria inevitável a crise de abastecimento que a cidade enfrentava. Desde o início de abastecimento que a cidade enfrentava. Desde o início do, conflito o padrão de vida aumentou, afetando os setores tais como abastecimento, transporte e habitação.

Esses índices ficaram tão alarmantes para a população local que o governo federal teve que intervir na elevação do padrão de vida (controlando o preço dos aluguéis) e de seu abastecimento (importando alguns produtos e incentivando a produção local). Para piorar a situação, a seca que castiga o sertão faz com que milhares de sertanejos migrem para o litoral, piorando ainda mais a situação em Natal. Com o boom (crescimento) populacional, o governo incentivou, através da Delegacia Regional do Ministério do Trabalho, os flagelados da seca a embarcarem para os portos de Belém e Manaus e para os seringais do Pará, Amazonas e Acre. Mesmo assim, essa atitude de deslocamento não contribuiu para amenizar o grande o grande fluxo de migrantes do interior para o litoral²¹. Assim como os bondes circulantes na cidade, que não atendiam a população na época da guerra, um número bastante reduzido, pertencente à empresa Força e Luz Nordeste do Brasil. Com isso, surge uma alternância auxiliar de transporte, o ônibus movido a gasômetro, já que o uso da gasolina estava restrito para uso militar.

Apesar de todas as dificuldades geradas naquele momento como o

21- Ibid, p. 160-161.

encarecimento dos aluguéis e produtos, Natal viveu um clima de grande surto econômico no comércio, com o aumento do consumo. Nas lojas se comprava de tudo, tecidos, artigos de couro, animais domésticos, perfumes, seda. Não se pode negar a importância de Natal no contexto da II Guerra, como ponto de apoio aos aliados, principalmente os americanos. Foi sem dúvida uma influência decisiva na guerra, possibilitando às Nações Unidas as condições para alcançarem seus objetivos.

Ao mesmo tempo, que não podemos esquecer a importância da presença americana na comunidade natalense, contribuindo em muitos aspectos para a modernização e crescimento econômico e cultural da cidade. Tanto é que Natal tem uma importância vital no contexto da Guerra já em 1943, quando o movimento aérea de apoio à campanha do Norte da África estava no auge, o Cel. John V. Dallin, comandante de Parnamirim, convocou as autoridades e jornalistas para conhecerem a base, pessoas ilustres, dentre eles, estava o jornalista Aníbal Fernandes, Diretor do Diário de Pernambuco a quem se atribuiu a expressão “Trampolim da Vitória”, tendo em vista a visita feita, escreveu em sua reportagem: “Natal é o trampolim da Vitória, inacessível ao inimigo”.

A transformação de Natal foi inevitável com a construção das bases americanas durante a guerra, tinha o aeroporto mais movimentado do mundo, com aviões aterrissando e decolando a toda a hora. A prosperidade de muitos natalenses foi graças à presença dos americanos. A população praticamente duplicou durante os anos de guerra, e Natal, de uma cidade pequena e desconhecida, passou a ser conhecida por milhões de pessoas em todo o mundo.

É a partir de 1944 que inicia aos poucos (antes mesmo do fim da guerra), a saída norte-americana que ocorreu de forma discreta, começando com a substituição dos comandos locais e a saída, nos Refoles, Destroyers, do dique flutuante e a barca oficina para a nossa Marinha de Guerra. Os equipamentos americanos foram aos poucos

desaparecendo. A Pan-American, que iniciara a suspensão dos seus serviços, desativou a Estação de Hidros na Rampa²². Além do mais, o pós-guerra acentuou a decadência do bairro da Ribeira, centro comercial do Natal, o deslocamento se deu para os bairros da Cidade Alta e Alecrim. Não só ocorreram mudanças econômicas, mas também culturais tais como a influência americana no cotidiano da cidade, a substituição da língua francesa pelo inglês, o hábito de assistir os filmes hollywoodianos, roupas o uso do jeans, o consumo da coca-cola e a preferência por carros americanos das marcas: Studebaker, Lincoln, Hudson e Chrysler.

Por fim, havia o outro lado, as conseqüências negativas na cidade com a chegada dos contingentes de guerra (soldados) que se por um lado trouxe mudanças comportamentais, econômicos, culturais, também trouxe consigo o aumento da prostituição com a grande circulação de dinheiro, principalmente o dólar. Cabarés, bares noturnos, surgem como opção numa cidade que até a pouco tempo, tinha hábitos provincianos, vida pacata que com o embarque e desembarque de aeronaves e soldados sentiram o “gosto” da modernidade vindo dos grandes centros, americanos e europeus.

22- MARIZ, Marlene, SUASSUNA, Luis Eduardo Brandão. História do Rio Grande do Norte, p. 338.

Capítulo 2

A prostituição na cidade do Natal

A prática da prostituição caracteriza-se pela comercialização do corpo ou ainda do ato sexual onde este é frequentemente ligado a questões econômicas, de onde não podemos tirar sua total compreensão.

A prostituta é, portanto, a mulher que faz do seu corpo objeto de comércio, vendendo assim seus serviços sexuais em troca de pagamento. Sociologicamente a prostituição é explicada como um tipo de adaptação "fatalista", marginal quando interrelacionada com os aspectos culturais e sociais. O fatalismo pode ocorrer em um desfecho de uma carreira muito provavelmente curta, com muitos delitos e finalmente fracassada, uma vez que na grande maioria dos casos esta fatalidade é associada ao uso de drogas, podendo ser em alguns casos, também uma conduta inovadora, a exemplo da Sr^a. Maria de Oliveira Barros que utilizou os meios aprovados pela sociedade local, negativamente para aquiescer fins consagrados pela sociedade¹.

A prostituição é algo tão antigo quanto à própria sociedade. Objeto de estudo de diversos historiadores e sociólogos, é um fenômeno que intriga esses estudiosos pois, cada sociedade tem uma forma de encarar a prostituição feminina.

Como exemplo, no Egito, havia cultos religiosos onde a figura da prostituta era sagrada, no qual prostitutas eram oferecidas aos deuses em ritual de fertilização².

1 – VASQUEZ apud SOUZA, Maria de Fátima. A Época Áurea de Maria Boa. P.9.

2 – TANNAHILL apud FREIRE, Rasland. História dos Cabarés de Natal nas décadas de 40 e 50. p.3.

Na Hélade (Grécia), a prostituta chegou a exercer em algumas sociedades, maior status que a esposa, como é o caso das Hetárias gregas, valorizadas pela sua inteligência, amplo conhecimento artístico e político.

Um exemplo da importância das Hetárias foi o relevante papel de Aspásia no século de Ouro de Atenas, onde influenciou Péricles seu amante, ao ponto em que hoje, muitos livros a tratam como sua legítima esposa³.

Com o cristianismo, surge uma moral que vincula o sexo ao pecado, condenando as práticas sexuais que se desviam da procriação, dentro das normas da família socialmente constituída. Há uma condenação do prazer carnal e conseqüentemente da prostituição. Em suas epístolas aos Coríntios e Timóteo, São Paulo admite o sexo apenas como prática reprodutiva para aqueles que não conseguem dominar o desejo da carne. O ideal cristão é o celibato⁴.

Entretanto, Jacques Rossiaud, analisando as mentalidades tem produzido um conhecimento muito mais significativo a respeito de determinados comportamentos sociais, analisa a prostituição nos inícios da época moderna a partir das justificativas dos teólogos. Aceitava-se a existência de prostíbulos como instituições necessárias à manutenção da ordem social. A importância dessa instituição pode ser avaliada quando se sabe que os prostíbulos se localizavam ao lado da Igreja e do Palácio do Governo Municipal⁵.

3 – Ibid. p.4

4 – ARIÈS, Philippe. São Paulo e a Carne. IN: sexualidades ocidentais, p. 50 – 53.

5 – ROSSIAUD apud MARQUES, Adhemar. IN: História Moderna através de textos, p. 152 – 153.

Santo Agostinho referia-se a prostituição como escoadouro da imundice dos homens, necessário para a não proliferação do mal, dentre as respeitadas famílias⁶. Nesse sentido a prostituição é vista como um mal necessário.

É dentro deste contexto, que se fortaleceram os alicerces da moralidade cristã, que tende a separar a 'prostituta' da 'esposa do lar' como se ambas não fizessem parte de um jogo manipulador dos homens que regem tais sociedades. Colocando a prostituição como um aspecto da condição feminina, excluem-se os homens de qualquer responsabilidade, como se eles não fossem os agentes principais deste comércio, visto que são os consumidores.

Voltando a Natal, esse fenômeno já existia antes da presença americana, o que ocorreu foi uma intensificação dessa atividade provocada pelo aumento na demanda dos 'clientes' e pela inserção econômica da migração de mais de 10.000 americanos em Natal no período da Segunda Guerra Mundial.

Segundo Clyde Smith, as doenças venéreas foram desenfreadas e 100% das prostitutas estavam contaminadas. Os homens, tanto os oficiais como os praças, iam todos para as casas de prostituição após o jantar, a maioria das prostitutas vinham do interior do Estado e o bordel mais famoso era conhecido com "Maria Boa". O problema venéreo agudo foi atribuído aos bordéis de Natal⁷.

Esse é um dos motivos que levou Natal a ter áreas consideradas "zonas proibidas" para os militares americanos. O comando geral demarcou com placas onde se lia: 'off limits'⁸, essas placas abrangiam do Grande Hotel até a Rua do Triunfo, na Ribeira.

6 - TANNAHILL apud FREIRE, Rasland. História dos Cabarés de Natal nas Décadas de 40 e 50. p. 4.

7 - SMITH, Clyde. Trampolim da Vitória. P. 37.

8 - Ibid. p. 37.

Com a presença do efetivo de guerra tanto americano quanto brasileiro, Natal sofrerá mudanças que serão relatadas por pessoas que vivenciaram o contexto de guerra: “Vejo, as ruas estreitas e tortuosas da velha Ribeira, repletas de soldados e marinheiros americanos, circulando em todas as direções no seu dizer na busca de novos espaços, dominando o mercado varejista pela imposição do dólar. Por todos os recantos, da Ribeira ao Alecrim, bares, cafés e restaurantes lotados de fregueses, animados pelo calor das libações alcoólicas e inebriados pelas músicas lançadas ao ar pelas radiolas ‘caça-níqueis’, uma coqueluche da época”⁹.

Natal realmente passou a ser uma cidade cosmopolita:

“Comerciantes desonestos, velhas prostitutas e judeus sabidos, vieram a Natal e, a exemplo das cidades fantasmas do Oeste Americano, no tempo do ouro, das diligências e expansão em direção ao Pacífico, aqui se instalaram com suas tendas, sem ser de lona, para ajudar a exploração dos G.I.’s (soldados) como eram conhecidos os soldados do Tio Sam nos quatro cantos do mundo”¹⁰.

Através desses relatos pode-se comprovar que a presença americana em nossa cidade, modificou não somente o comércio do sexo, mas todos os indicadores sócios – culturais de Natal. Visto que a presença dos americanos e consequentemente, de capital estrangeiro, atraíram vários tipos de pessoas das mais diversas classes sociais e dos mais diversos costumes.

9 – BRITO apud MELO, Protásio. Contribuição Norte-Americana à Vida Natalense. P. 75.

10 – Ibid. p.75.

Quando se retrata a prostituição em Natal, não pode de forma alguma esquecer do bairro da Ribeira, que segundo Pinto, teve a pouca sorte de ser a capital federal da prostituição profissional¹¹. Ali o meretrício era franco e escandaloso, funcionando próximo das casas de família. Na Ribeira sempre existiam pensões alegres, mais ricas e bem servidas, como outras mais modestas. Para a Ribeira desciam os freqüentadores do amor pago e lá encontravam os embarcações nacionais e estrangeiros. É nesta situação que a Ribeira deu muito trabalho à polícia, porque esta associava a prostituição ao álcool e a baderna¹².

Desta forma, Pinto diz que com a saída das famílias da Ribeira para outros bairros, especificamente a Cidade Alta, o meretrício aumentou. Embora as pensões alegres estejam espalhadas por outros bairros, a Ribeira não perdeu a posição de destaque no comércio da carne humana viva¹³.

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra e a base área de Natal sediada para a implantação do contingente de guerra norte-americano, a cidade passou por uma mudança no seu espaço habitacional. Com a circulação de dólares, houve o aumento da zona de meretrício no bairro da Ribeira, região tradicional desse tipo de atividade e também do comércio antes da guerra. As famílias moradoras do bairro foram se deslocando para outros bairros, não por causa do meretrício, mas devido a ser o centro econômico da cidade.

11 – PINTO, Lauro. A Natal que eu vi. P.30

12 – Ibid. p.30.

13 – Ibid. p.30 – 31.

Com o crescimento do comércio do sexo na cidade, houve um grande afluxo de mulheres à procura de emprego nas casas de prostituição, e com elas surgiram às chamadas prostitutas camufladas (mulheres casadas, bem empregadas ou de programa, que vinham de lugares como Bahia, Pernambuco e até São Paulo; para conhecer a cidade e aqui chegando, conheciam a fama de Maria Boa, casa mais luxuosa da cidade, e por lá ficava a fazer salão). Passavam o fim de semana, regressando na segunda – feira, às suas devidas cidades¹⁴.

As prostitutas do cabaré de Maria Boa tinham que vestir-se com elegância, eram finas e educadas. Sabiam sentar à mesa, servir-se e comportar-se e eram muito bonitas e vaidosas¹⁵. Em horário de expediente (das 20:30 às 2:30 hs) elas não faziam nenhum tipo de trabalho que não fosse reservado ao salão. Não podiam alugar quartos, frequentar clubes e restaurantes, devido ao preconceito das senhoras da “boa sociedade” (grifo meu).

A educação era outra qualidade essencial observada por Maria (assim descrita por D. Aglair Barros – sobrinha) à prostituta, por isso havia uma preocupação quando as moças que ali chegavam se tinham condições de comportarem-se adequadamente¹⁶.

Vindas de camada social pobre, elas tinham na prostituição, um meio de fuga para sua condição de pobreza, na qual muitas delas ajudavam as famílias no sustento do lar.

O poeta Mauro Mota no seu “Boletim Sentimental da Guerra” nos relata uma situação semelhante as que viviam as jovens natalenses prostitutas:

14 – FREIRE, Rasland. História dos Cabarés de Natal nas Décadas de 1940 e 1950, p.10.

15 – Ibid, p. 10 – 11.

16 – Ibid, p. 11.

“Meninas, tristes meninas,
De mão em mão hoje andais.
Sois autênticas heroínas.
Da guerra sem ter rivais.
Lutaste na frente interna
Com bravura e destemor.
A vitória aliada destes
O sangue do vosso amor
Ingênuas meninas grávidas,
O que é que fostes fazer?
Apertai bem os vestidos
Pra família não saber
Que os indiscretos vizinhos
Percam-vos de vista.
Saíste do pediatra
Para o ginecologista¹⁷.

Uma outra forma de arregimentar prostitutas, além de vir de outros estados (citado anteriormente) era feita no interior do Estado. Muitas mulheres chegavam sem nada, mas eram logo devidamente arrumadas para o ofício. Tãmanha era à produção que não se reconhecia à noite, as que chegavam pela manhã¹⁸.

17 – MOTA, Mauro. Boletim Sentimental da Guerra. 12/06/1939

18 – FREIRE, Rasland. História dos Cabarés de Natal nas Décadas de 40 e 50, p.11.

Há pouca referência quanto à arregimentação de prostitutas estrangeiras na cidade, salvo, algumas portuguesas e bolivianas, que por aqui estiveram. Fala-se até de uma portuguesa, de nome Deolina, que foi proprietária de algumas casas, dentre elas, A Coimbra¹⁹.

A prostituição de rua era proibida, prendendo imediatamente. As prostitutas eram fichadas na polícia onde recebiam caderneta de controle, que tinha de levar mensalmente a delegacia para serem atualizadas. Nesta caderneta, constava foto, nome, o cabaré que trabalhava e sua procedência²⁰.

Pode-se pressupor que este controle policial seria para prevenir em casos de roubos envolvendo prostitutas, que através das fichas eram facilmente identificadas, dando mais segurança aos clientes, proprietários e elas próprias, quanto evitar a exploração da prostituição de menores podendo ocorrer como pena o fechamento imediato dos respectivos estabelecimentos.

Com relação à diversão, iam ao cinema à tarde no grande ponto e andavam de carro com os amantes²¹.

Para sintetizar melhor essa parte, vejamos a entrevista de uma prostituta da Rua Padre Pinto na Cidade Alta, a Paulo de Tarso transformada em verso ao folhetim cordial da Guerra em Natal e cordial folhetim da Guerra em Parnamirim:

Vêm na véspera da morte,

19 – Ibid.p.11.

20 – Ibid.p.12.

21 – Ibid.p.11.

Ficam logo nus em pêlos
Vêm como gado pro corte,
A maior parte é donzelo.
Eles chegam ansiosos
Pagando em dinheiro bom:
Faça-me um amor gostoso
Que amanhã vou para o front.
Com beijos de tutti-frutti
E suores de hortelã,
Esbofam-se no desfrute
Até o romper da manhã.
Vão-se, desejo-lhes sorte.
Pedem um último abraço.
Vêm na véspera da morte
Saber das coisas que faço²².

Pode-se perceber através do poema que a prostituição era uma constante na vida dos soldados americanos que desembarcavam em Natal já que não tinham certeza de voltarem vivos quando iam combater os inimigos na África ou na Europa. Enfim, os cabarés desempenhavam uma função de entretenimento devido a conviverem com a morte constantemente no front e é deste ambiente que será abordado agora.

Os cabarés

Uma maneira de compreender melhor a prostituição em Natal durante a Segunda

22 – MELO, Paulo de Tarso Correia de. Folhetim Cordial da Guerra em Natal e Cordial Folhetim da Guerra em Parnamirim, Natal: UFRN, p.33.

Guerra Mundial é esclarecer a importância dos cabarés ou bordéis, já que eram os locais onde aconteciam a prostituição “oficial”.

Segundo FREIRE, a polícia determinava que os cabarés devessem se localizar a margem da sociedade, onde não houvesse residências familiares, prostitutas não podiam exercer sua profissão fora desses locais, os muros das casas tinham de ser altos, e o som era ligado a partir das 20:00hs e desligado às 02:00 horas da manhã. Os bordéis tinham uma luz vermelha que seria de aviso aos clientes, para o início da jornada noturna. Essa luz era acessa no momento da sua abertura com a permissão do delegado. Era estritamente proibida a entrada e permanência de menores nessas casas²³. Natal não tinha na época muito local para a diversão, os bares fechavam às 22:00 horas, ficando como única opção, os cabarés que viviam abertos todos os dias.

Antes da presença americana em na cidade os bordéis que existiam que existiam apresentavam um caráter popular, já que economicamente Natal ainda era uma cidade provinciana. Nesse período a maioria dos bordéis localizava-se na Ribeira: Dona Alaíde (Wander Bar), Plaza, Arpege, Paris, Casarão, Zefa Paula, Rita Loura, D. Virgínia, Rosa de Ouro, Francesinha, D. Maria Emília, Pensão Estrela, Beco da Quarentena, 15 de Novembro, Vai-se-Ver, Brandinha. Em Lagoa Seca localizavam-se os cabarés de Zefa Paula, Dona Virgínia, D. Alcinda, da Royal, Tia Aline. Em Tirol o de D. Belinha. Na Praia do Meio o de D. Cleide. Nas Rocas, Zilda do Acapulco, Beco do Remelexo. Na estrada que dá acesso a Zona Norte, O Chão das Estrelas. Na Lagoa do Jacó, Araponga. Na Avenida 16, “Dia e Noite”. No Bom Pastor, Jaqueirão e o 007. No Alecrim, Vila Moura – Rua São Pedro e na Cidade Alta “o de Maria Boa” foi um desses lugares. Em pouco tempo, sua fama cresceu e alastrou-se por toda a cidade, e até pelo Brasil²⁴.

23 – Ibid, p.17.

24 – MELO, Protásio. Contribuição Norte-Americana à Vida Natalense, p.63-64.

Baseando-se no relato de Melo²⁵, foi sem sombra de dúvida provocada pela presença maciça de americanos em nossa cidade, pois traziam consigo os dólares que sustentavam o luxo dessas casas.

Fora da área comercial, a qualquer hora do dia e até tarde da noite, a chamada zona do baixo meretrício da Ribeira era, como a Paris de Heminway, uma festa. Tinha por campos Elíseos a XV de novembro, estendendo-se numa ponta à Rua Almino Afonso, terminando na pensão Ideal ou “Bar Estrela”, em razão do luminoso em forma de estrela sobre o portão. De permeio o cabaré da Gorda Belinha e no outro ponto, virando à esquerda quebrando à direita, o Beco da Quarentena, cortiço de rameiras, lúgrube, fedorento, mas bom atalho para o Wanderbar²⁶.

Ver-se nesse relato de Lenine Pinto, que em Natal existiam casas que funcionavam a qualquer hora do dia ou da noite, o que comprova a importância social que o comércio do sexo representava para a cidade.

Segundo MELO, nesse período surgiram bordéis familiares, que eram ambientes que funcionavam em casas alugadas, em qualquer bairro, logradouro ou rua, locais discretos e após o fim da Guerra, muitos deles desapareceram²⁷.

Havia aqueles que tinham atividade dupla. Como exemplo, era Francisquinha, manicura do Grande Hotel de dia, à noite transformava-se na dona de um bordel de luxo, próximo do seminário diocesano do Tirol, um bairro “mergulhado em areia fofa”, conforme relato do ex-seminarista Arnaldo Arsênio de Azevedo: “não era raro acordar durante a noite, com a confusão que os gringos faziam, desatolando carros com gritos

25 – Ibid, p.63-64.

26 – PINTO, Lenine. Natal USA, p.139.

27 – MELO, Protásio.Op. Cit, p.47

embriagados”²⁸.

Para evitar estes tipos de badernas, as forças armadas norte-americanas enrijeceram o “off limits”, alguns bordéis para fugir das imposições foram abrir em Macaíba. Esse desvio do comércio do sexo de Natal para Macaíba é confirmado pelo fato dos americanos terem batizado um avião de “Miss Macaíba” e outro de “Macaíba Garden”²⁹.

Então pressupõe que os prostíbulos de Natal entraram em decadência? O que não é verdade, exemplo maior é o cabaré de Maria Boa que foi o principal bordel de Natal com fama até no exterior (especificamente os Estados Unidos).

A época áurea de Maria Boa.

As informações são obtidas de seus familiares³⁰ que, por volta de 1939, chega a Natal uma moça, procedendo de Taperoá (PB) que se hospedou em uma das pensões destinadas a mulheres. Era apenas mais uma prostituta, todavia, sua identidade enquanto tal foi construída no curso de suas interações cotidianas. Maria Boa uniu-se a um cliente importante e a um amigo paraibano, monta sua própria casa, entrando desta forma para história da prostituição no Rio Grande do Norte. "Surgiu com grande pompa quando os americanos que aqui chegaram à época da 2ª Guerra Mundial, foi assim que ela passou para um nível mais elevado, a casa adquiriu renome e grande importância, uma vez que era freqüentada por todo estado maior americano que esteve aqui em Natal e consequentemente as autoridades locais, no bordel de Maria Boa aconteciam fatos

28 – PINTO, Lenine. Op. Cit, p.141-142.

29 – Ibid, p.143.

30 – MELO, Protásio apud SOUZA, Maria de Fátima. A Época Áurea de Maria Boa, p.23.

diferentes dos demais, naquele local grandes decisões de ordem política, econômica e até decisões de estratégias militares ali foram tomadas.

O referido relato confirma a modificação do comércio do sexo em Natal, já que o cabaré de Maria Boa foi criado diante de um novo mercado emergente, os americanos que preferiam algo mais luxuoso e de acordo com o seu poder aquisitivo.

O casarão da Rua Padre Pinto, então em uma rua de pouco movimento, era requintado e luxuoso, cercado de muros altos, com apenas uma entrada fechada por um forte portão de ferro sem visão para dentro da casa. Possuía uma sala principal onde as mulheres desempenhavam sua "arte", práticas que consistem em conquistar o cliente, fazê-lo gastar bastante dinheiro, consumir bebidas quentes e caras, para que com isso a casa tenha lucro. Cerveja não era permitido pedir, face ao seu preço baixo. Um grande terraço que servia de "dancing", rodeado de mesinhas arrumadas. O chão do "dancing" era decorado por mosaicos coloridos.

Havia, na parte da frente um outro terraço menor e privativo, para àqueles clientes especiais, o qual possuía uma escadaria que dava no chão, dessa forma se alguém não quisesse ser visto entrando ou saindo, usava essa entrada. 15 eram os cômodos divididos inteligentemente entre 2 tipos de quartos com camas de alvenaria para os programas entre clientes e prostitutas, cozinha, bar, banheiros independentes com vasos de porcelana encravados no chão, usados até hoje pelos franceses, dispensas, garagem e um vasto pátio para estacionamento. Decoração discreta de bom gosto com alguns quadros e cortinas nas paredes.

Quartos - Havia dois tipos de quartos: os mais baratos com ventilador, uma cama de casal, uma pia e uma aparadeira, para o asseio feminino. Ficam depois dos banheiros. Do lado oposto estão os quartos' mais equipados. Eles têm ar condicionado, banheiro

completo. Como o outro, a cama de casal é toda de cimento, sobre o qual é colocado o colchão.

Em ambos há a luz branca comum, mas também há luz vermelha, para os que preferirem. Os banheiros de uso dos consumidores do bar - pelos menos o masculino - têm três mictórios e um vaso sanitário ao nível do chão, no modelo inglês³¹.

Por fim, todo esse luxo, essa sofisticação entra em declínio a partir de 1944, com desmobilização dos soldados americanos em Natal o que levou a decadência do comércio do sexo em relação ao período da Guerra. No período posterior representantes da Igreja Católica (padre Eugênio Sales e o Padre Nivaldo Monte) criaram uma instituição, a Obra do Bom Pastor, que abrigava as prostitutas, tirando-as das ruas e ensinando ofícios como a costura, cozinhar, ofereceram assistência médica para que desta forma abandonassem a prostituição.

31 – BARROS, Aglair. Apud SOUZA, Maria de Fátima. A Época Áurea de Maria Boa, p.25-27.

Capítulo 3

O Instituto Bom Pastor

O Instituto do Bom Pastor foi uma iniciativa da Igreja a partir de um movimento chamado de Movimento de Natal, orientado pelos padres Eugênio de Araújo Sales e Nivaldo Monte, tendo como principal função, combater as mazelas deixadas com a saída dos americanos no fim da Segunda Guerra Mundial, principalmente no campo social.

Na verdade, o Movimento de Natal, é fruto da experiência anterior iniciado nos anos de 1930, chamado de Ação Católica, iniciada pelo Cônego Luiz Gonzaga do Monte. Em 7 de setembro de 1936, foi criado o primeiro setor da Ação, a Juventude Feminina Católica Brasileira de Natal¹, e entregue aos cuidados do Cônego Monte. A finalidade da Juventude Feminina Católica seria a de formar culturalmente e espiritualmente as moças, que na época a cultura era muito relegada².

Com o falecimento do Cônego Monte em 1944, a direção do Movimento passou a ser exercida pelo, então padre Nivaldo Monte³. Nessa época, também foi criada a Juventude Masculina Católica, sobre a direção do então padre Eugênio de Araújo Sales. Várias ações sociais foram frutos da Juventude Masculina, como a Casa da Criança e os Centros Sociais Estevão Machado, João Gustavo Navarro e o Ambrósio Francisco Ferro, todos na periferia de Natal e ligados ao trabalho com jovens do sexo masculino⁴.

A atuação da Juventude Feminina também realizou no campo social. O trabalho

1 – A Ordem. Arquidiocese de Natal. 01 de outubro de 2006, p.6 e 7

2 – Ibid, p. 6 e 7.

3 – Ibid, p. 6 e 7.

4 – Ibid, p. 6 e 7

realizado junto às domésticas e jovens operárias. Em 1940, fundaram o Instituto joscista Pio XI, com curso primário para jovens operárias e domésticas⁵. No ano seguinte, iniciou a Escola Divina Providência, onde as próprias 'lingüistas' passaram a ministrar as primeiras letras, doutrina cristã, corte, costura e bordado às domésticas, a Juventude Feminina também foi responsável pela fundação de centros sociais em Natal e no interior, merecendo destaque a fundação em Natal da Escola de Serviço Social que tinha como preocupação a transformação e o crescimento das pessoas, atuando na prática da leitura, tanto literária quanto sociológica⁶.

Além do aspecto social a Juventude atuava no aspecto espiritual promovendo nas paróquias os retiros espirituais. Dom Heitor, Arcebispo Emérito de Natal e atual assistente eclesialístico da Juventude Feminina, em entrevista, diz que, do trabalho realizado pela Juventude, dentro da Ação católica, surgiram a JAC (Juventude Agrária Católica), a JEC (Juventude Estudantil Católica), a JIC (Juventude Independente Católica), a JOC (Juventude Operária Católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica)⁷. Todos os trabalhos realizados pela Juventude Feminina e Masculina, tinham como proposta incluir o leigo no trabalho pastoral, o que antes era uma função exclusiva do sacerdote.

O Instituto faz parte desse projeto da Igreja, atuando no campo social com o objetivo de enfrentar os problemas sociais através de ações que trabalhassem junto da parcela da população desassistida pelo governo.

5 – Ibid, p. 6 e 7.

6 – Ibid, p.6 e 7.

7 – Ibid, p. 6 e 7.

A Obra do Bom Pastor foi fundada no dia 11 de fevereiro do ano de 1951⁸, sob os cuidados de um grupo de Irmãs da Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, dedicando-se ao trabalho social em favor a mulher assumindo um papel integrador dessa jovem no convívio familiar e social.

Num primeiro momento começou a funcionar um internato para jovens do sexo feminino, na faixa dos 12 aos 18 anos, enviadas pela própria família ou pelo Juizado de Menores, jovens com problemas sociais e morais (abandono da família, prostituídas). Um segundo passo foi dado para atender às jovens que moravam nas cercanias do Bom Pastor, fundando ali um semi-internato, onde as jovens passavam o dia, no estudo, no aprendizado profissional, na catequese e nos lazeres. Para atender a carência de estudos para as crianças da localidade foi fundada Escola Santa Maria Eufrásia, pois a única escola que existia na época era a Escola Rotary sediada na Avenida Bernado Vieira, de difícil acesso para as crianças⁹.

A Obra do Bom Pastor é uma iniciativa do Padre Eugênio de Araújo Sales que sabia da experiência das Irmãs da congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor em Fortaleza e as convidaram para administrar o Instituto.

As Irmãs da Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor possui atividades no mundo. No Brasil atua no Norte e Nordeste, sempre na luta pela valorização da mulher. As suas obras se concentravam em internatos, semi-internatos,

8 – Neuza Ramos Nery, Irmã da Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, chegou com as primeiras freiras para administrar o Instituto, em entrevista ao autor, Natal, novembro de 2006.

9 – Ibid.

penitenciárias femininas, escolas primárias, principalmente no Nordeste (especificamente em Recife e Fortaleza antes de atuarem no Instituto Bom Pastor)¹⁰. A primeira reunião para tratar da fundação da Obra do Bom Pastor foi realizada na Escola de Serviço Social, no dia 16 de agosto de 1947, ficando acertado que a referida Obra seria administrado pela Juventude Feminina e masculina Católicas, setores diocesanos da Ação Social Católica da Arquidiocese de Natal. Para efeito legal, o referido estatuto foi assinado pelo Padre Eugênio de Araújo Sales e o Padre Nivaldo Monte. O estatuto apresentava seus fundadores, pela Juventude Masculina, os Srs. José de França Monte, Geraldo Gilberto e Valdemiro Nascimento, e pela Juventude Feminina Católica, as Srtas. Margarida Maria Souto Figueira, Célia Vale Xavier e Raimunda de Carvalho Paiva. Cita-se ainda os assistentes eclesiásticos dos respectivos grupos, Padre Eugênio Sales e Padre Nivaldo Monte. Havia também um projeto com a proposta de construir um presídio feminino, porém não foi concretizado¹¹.

Com a construção do Instituto do Bom Pastor é que se originou o nome do atual ao bairro do Bom Pastor desmembrando do bairro das Quintas. O Instituto recebeu originalmente a denominação de “Obras do Bom Pastor”, como foi citado em 1947, quando seu estatuto foi publicado no Diário Oficial do Estado na referida data. Seus objetivos descritos nos artigos 2º e 3º do capítulo primeiro explicitam:

Tem a Obra do Bom Pastor por finalidade principal a proteção à mulher decaída, renegando-a segundo o plano seguinte: a) abrigo, alimentação e educação segundo moldes modernos; b) assistência médica dentária; c) amparo à prole legítima ou não e reajustamento social da mãe e filhos; d) combate a prostituição. [...] (e) Como finalidade secundária, está o cuidado das

10 – Ibid.

11 - BEZERRA, Maria Elizete Moraes. Em busca de uma vida digna: alternativa para as adolescentes que são exploradas sexualmente na cidade do Natal, p. 32.

presidiárias¹².

No Instituto Bom Pastor iniciou com um internato para jovens com problemas sociais e morais, atendendo a jovens de 12 à 18 anos que chegavam através da família ou encaminhada pelo Juizado, um semi-internato para jovens do bairro. A assistência dentária era feita no próprio Instituto através de um dentista do Estado e um médico voluntário, o Dr. José Valério Cavalcanti que trabalhou voluntariamente de 1954 à 1990. Os recursos adquiridos pelo Instituto provinham do próprio internato (fábrica artesanal de biscoito, macarrão), através da Marinha do Brasil que doava ossos com carne para fazer sopa ou do Padre Eugênio de Araújo Sales que através do Movimento de Natal adquiria recursos da Aliança para o Progresso (ajuda financeira norte-americana aos países latino-americanos). E por último, o combate a prostituição (em casos especiais)¹³.

O contato com a família era muito precário, muitas famílias chegavam até a abandonar essas jovens que geralmente ficavam no internato¹⁴.

Cinco meses após a publicação do estatuto no Diário Oficial do Estado, foi feita a doação do terreno pela Prefeitura Municipal do Natal, no bairro das Quintas. Este terreno, segundo o decreto lei nº. 281 publicado no Diário Oficial, no dia 18 de Janeiro de 1948, media 18.850 m², com estimativa de 200 metros de frente ao longo da linha telegráfica. Para a construção do prédio, a Obra do Bom Pastor contou com o apoio financeiro da Legião Brasileira de Assistência (LBA), Ministério da Educação, Saúde e Justiça e Negócios Interiores, todos órgãos públicos¹⁵.

12 – Diário Oficial do Estado apud BEZERRA, Maria Elizete Moraes. Em busca de uma vida digna: ... , p. 32.

13 – Neuza Ramos Nery, em entrevista ao autor, Natal, 2006.

14 – Ibid.

15 - BEZERRA, Maria Elizete Moraes. Em busca de uma vida digna: ... , p.33.

Em Janeiro de 1951, as Irmãs chegaram a Natal e se instalaram definitivamente na Obra do Bom Pastor, em fevereiro do corrente ano. Seis Irmãs assumiram o Instituto, lideradas pela Irmã Neuza, ainda em construção. Considera como a data de fundação do Instituto do Bom Pastor a chegada das jovens internas em junho de 1951.

As Irmãs da Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor trabalharam no Instituto do Bom Pastor durante trinta e nove anos. Nesse período, foram realizadas muitas atividades tais como: pesquisa com prostitutas na cidade de Natal, internato para 50 e 60 moças menores, cursos profissionalizantes (corte, costura, fábrica de biscoitos) assistência social e assistência religiosa promovida pela Escola de Serviço Social.

Em 1989, Irmã Neuza Ramos Nery, provincial da referida Congregação, escreve uma carta a Dom Alair Vilar Fernandes de Melo, Arcebispo da época da Arquidiocese de Natal, na qual falava da decisão de devolver o prédio pertencente à Arquidiocese de Natal pela falta de condições de mantê-lo. Ela apresentou seus motivos que foi a mudança de estratégia do apostolado (o número de Irmãs da Congregação é muito pequeno e deixaram de atuar espiritualmente em presídios femininos, em prostíbulos), pois as Irmãs sentiam que o internato não correspondia mais às necessidades dos tempos atuais, sentiam impelidas a uma nova missão junto às mulheres em situação de opressão (hoje atuam no Igapó, assistindo às crianças, jovens, mulheres, enfim junto às famílias, sobretudo na comunidade do Beira Rio, perto do mangue) com cursos de pintura, de tricô, crochê e orientações as gestantes na confecção do enxoval do bebê¹⁶.

16 – Neuza Ramos Nery, em entrevista ao autor, novembro de 2006.

Ao entregar a Obra do Bom Pastor à Arquidiocese de Natal, as Irmãs da Congregação das Servas do Coração Imaculado de Maria ditas Irmãs do Bom Pastor de Quebec que já possuíam um trabalho semelhante no bairro das Rocas, principalmente com as mulheres em situação de miséria e prostituídas.

Em dezembro do mesmo ano, Dom Alair Vilar Fernandes de Melo escreve uma carta para as Irmãs do Bom Pastor de Quebec e relata:

Com a saída das Irmãs do Bom Pastor de Angers, que até agora dirigiram a Obra do Bom Pastor desta Arquidiocese no próximo mês de janeiro de 1990, venho solicitar às Irmãs Servas do Coração Imaculado de Maria [...] da província de São José que assumam a referida obra. Acontece que o carisma de ambas as congregações é o mesmo. Ambas se ocupam da pastoral e trabalho com a mulher marginalizada. [...]. Os métodos e o sistema usados pelas Irmãs Angers já não atendiam à realidade de hoje. Daí a saída das Irmãs que não contam igualmente com vocações e Irmãs novas para o enfrentarem o trabalho delas exigido¹⁷.

Enfim, essa nova realidade enfrentada pelas Irmãs Angers que as fizeram abandonar a Obra do Bom Pastor após trinta e nove anos, corresponde a um trabalho de pesquisa feita pelas Irmãs do Bom Pastor de Quebec em 2002, apontando uma nova realidade. As prostitutas não se encontravam mais nos cabarés, mas nas ruas e foi um dos motivos que levaram as Irmãs Angers a abandonarem a Obra por não estarem mais enquadrada nessa nova realidade social, então as Irmãs da Congregação das Servas do Coração Imaculado de Maria, assumiram a continuidade do trabalho iniciado saindo das Rocas para o bairro do Bom Pastor, promovendo um trabalho de intervenção aos jovens a não ingressarem na prostituição promovendo um trabalho pastoral na periferia que

17 – Carta encontrada nos arquivos do Instituto do Bom Pastor em 01/ 12/ 1989 apud BEZERRA, Maria Elizete Morais. Em busca de uma vida digna: ... , p.34.

segundo a pesquisa de Maria Elizete Morais são desses locais onde muitos jovens se prostituí como modo de adquirir dinheiro e até em alguns casos iniciado por algum membro da própria família, bairros com Cidade da Esperança, Bom Pastor, Quintas. O Instituto promove cursos e atividades diversos tais como violão, bordado, fuxico (costura a partir de retalhos), acompanhamento psicológico.

Considerações Finais

Ao concluir a presente pesquisa tem-se a noção de que apesar dos tabus e da dificuldade em encontrar registros históricos sobre a prostituição em Natal, foi possível iniciar um levantamento de dados sobre a temática, graças a pesquisas anteriores a essa e a um apanhado sobre a influência dos americanos na cidade.

Que fique claro que após o término desta presente pesquisa que a presença dos americanos em Natal modificou o comércio na cidade. Essa mudança trouxe para Natal pessoas dos mais diferentes Estados e nacionalidades e que não pode se esquecer das mais diferentes culturas. E do ponto de vista estrutural provocou o surgimento de casas de prostituição mais elegantes e refinadas. Do ponto de vista humano provocou a arregimentação de mulheres dos mais diversos Estados. Outra consequência foi a presença de menores trabalhando nessa atividade, que apesar de proibida pela polícia ocorria em grande escala, já que muitas prostitutas eram as adolescentes que se “perdiam”.

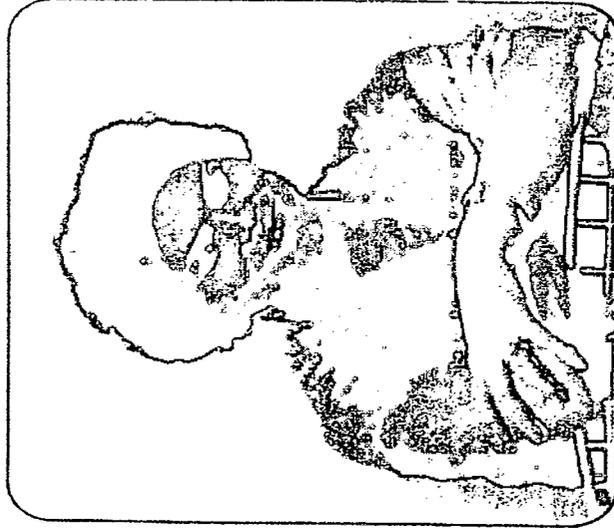
Ao lançar um novo olhar sobre a influência dos americanos, é notório que sua presença modificou o comércio do sexo em Natal e sua saída representou uma derrota para a população de Natal, especificamente para mais de 1%, as prostitutas que se não fossem a atuação da Igreja nas pessoas do então Padre Eugênio de Araújo Sales e o Padre Nivaldo Monte, o malefício social provocado pela saída dos americanos da cidade teria sido ainda maior para as prostitutas.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - SILVA, Josimey Costa da. A palavra sobre aposta. Imagens contemporâneas da segunda guerra em Natal. Natal, 1998. Orientadora : prof.a Dra. Maria da Conceição de Almeida.
- 2 - SOUZA, Maria de Fátima. A época áurea de Maria Boa. Orientadora: profª. Dra. Maria da Graça Lucena de Medeira. DEZ/Natal 1999. pg.: 9, 15 - 17, 21 - 45.
- 3 - FREIRE, Rasland Costa de Luna. História dos Cabarés de Natal nas décadas de 40 e 50. Natal/1993. UFRN.
- 4 - JUNIOR, Clyde Smith. Trampolim para a vitória: os americanos em Natal durante a segunda guerra mundial. Natal: Universitária, 1992, 225p.
- 5 - MELO, Protásio Pinheiro de . Contribuição norte - americana à vida natalense. 1993, Brasília. Ed. do Senado.
- 6 - Séries Estatísticas Retrospectivas/ Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 1986 P.34.
- 7 - Recenseamento Geral do Brasil / 10 setembro de 1940 . Rio de Janeiro: IBGE, 1952. P44 -47.
- 8 - MELO, Paulo de Tarso Correia de. Folhetim Cordial da guerra em Natal e Folhetim da guerra em Parnamirim. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1994.
- 9 - ARIÈS, Philippe. São Paulo e carne, In: ARIÈS, Philippe; BÉJIM, André. Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985. P 50 - 53.
- 10 - TANNAHIT-L, Reay. O sexo na História. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1993.
- 11 - PINTO, Lenine. Natal, USA. Ed. Art Print Ltda, 1995. P 135 - 143.
- 12 - PINTO, Lauro. A Natal que eu vi. Imprensa Universitária. Natal, 1971. P.30
- 13 - COSTA, Gilmar de Siqueira. Casarão Rua Chile. Natal - RN. Restauração e Reutilização. IX CECRE, Nov. - 1996.
- 14 - MARIZ, Marlene da Silva. SUASSUNA, Luiz Eduardo B. História do Rio Grande do Norte. Natal - RN. Ed.: Sebo Vermelho, 2002.
- 15 - PEDREIRA, Flávia de Sá. Chiclete eu Misturo com Banana. Natal - RN. Ed.: EDUFRN, 2005.
- 16 - BEZERRA, Maria Elizete Moraes. Em Busca de Uma Vida Digna: Alternativa para as Adolescentes que são Exploradas Sexualmente na Cidade de Natal. Natal - RN. Departamento de Psicologia, 2005

ANEXOS

**Maria Oliveira
Barros**

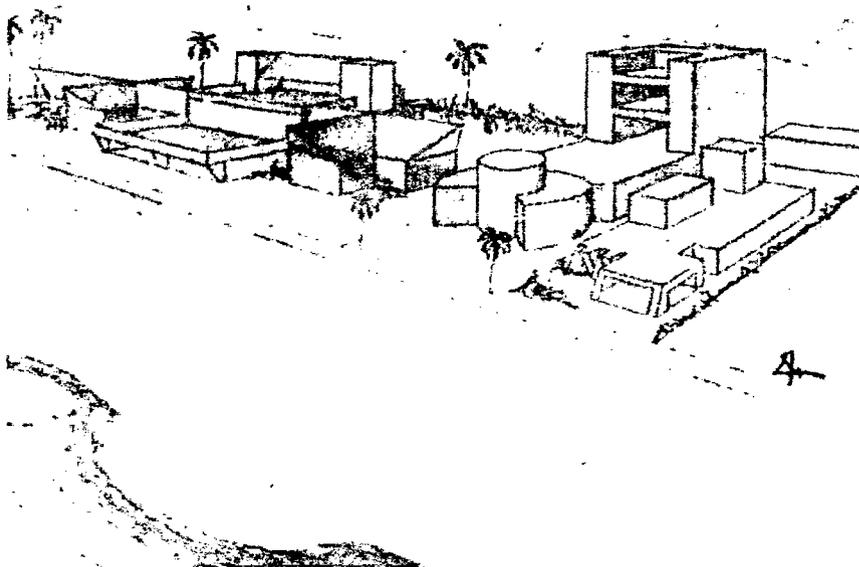


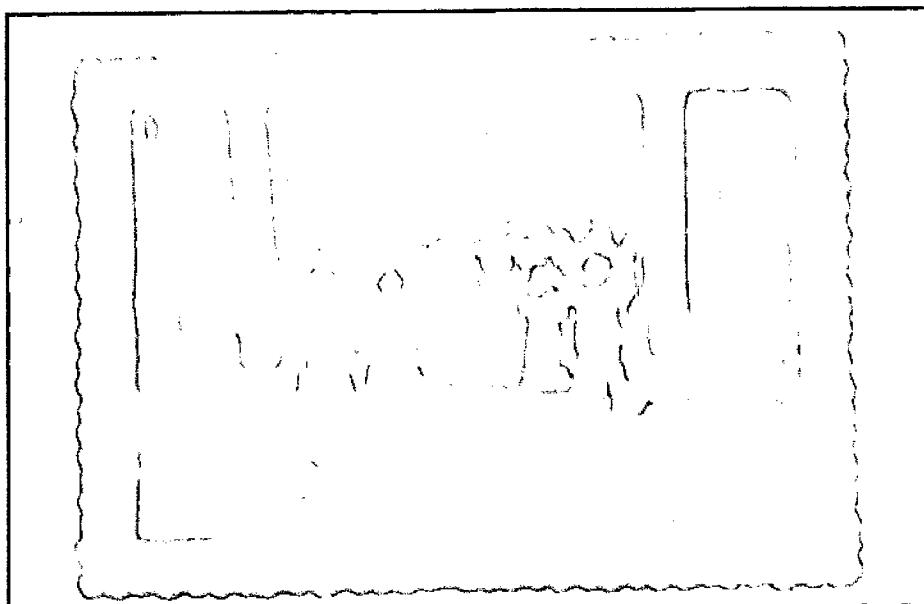
Cr\$ 2.290.000 (dois mil e nove mil, quarenta e cinco cruzeiros e quarenta centavos) de entrada e o restante, Cr\$ 1.104.600, correspondente ao

nômica Federal, foi dividido em 180 prestações de Cr\$ 3.254,50. No dia 10 de maio de 1972, foi procedido o cancelamento da inscrição hipotecária no cartório de Ataulmo de Lima Fagundes,

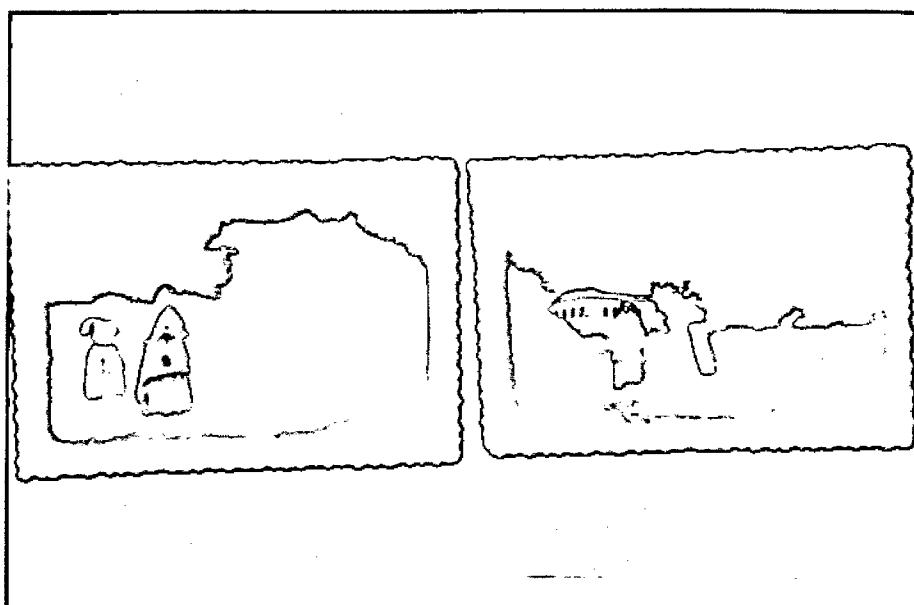
no Terceiro Office de Notas, na presença do tabelião substituto Jaime Lambert. Os custos do cancelamento, Cr\$ 50,00, foram pagos pela própria Maria Oliveira Barros.

A fachada principal (ao lado) da Casa Redonda, ou Casa Rosada, como foi carinhosamente chamada pelos boêmios da cidade e, abaixo, o projeto do complexo turístico.





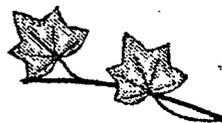
1ª Turma do Instituto Bom Pastor



O então Padre Eugênio de Araújo Sales com uma das fundadoras do Instituto Bom Pastor

Natal, 02 de maio de 2001

"Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor" SI 88



Queridas Irmãs

Neste ano de 2001, o INSTITUTO BOM PASTOR DE NATAL está celebrando seus 50 anos de existência. As Irmãs Servas do Coração Imaculado de Maria, de Quebec, que assumem a obra desde o ano de 1990, organizaram com o povo do bairro BOM PASTOR, uma semana de festejos que culminará no próximo dia 06 deste mês, com a festa do Bom Pastor.

Fomos convidadas a participar das comemorações e tivemos a oportunidade de celebrar esse evento com as ex-alunas do internato, do semi-internato e da Escola Sta. Maria Eufrásia, na tarde do domingo 29 de abril pp. contando com a presença de 132 pessoas, entre ex-alunas e seus familiares.

Esse encontro proporcionou a todos e a todas nós, alegrias e surpresas pelo feliz reencontro de ex-alunas que há muito não se viam, bem como de professoras dos primeiros tempos e do querido médico Dr. José Valério Cavalcante, que atendia gratuitamente, a domicílio ou no seu consultório, alunas ou Irmãs, durante longos anos, com extremo respeito e dedicação. A sua amizade e apreciação pela nossa obra ainda perduram.

Vocês não podem imaginar o brilho nos olhos de cada uma das ex-alunas, as lágrimas quentes de emoção, ao pisar de novo naquele local sagrado para muitas dentre elas... os abraços e os sorrisos de profunda alegria... Foi uma tarde maravilhosa!

Tudo fora organizado com antecedência e contamos com uma equipe de ex-alunas que preparou e ornamentou "a rigor" o grande salão, antiga capela do início da obra, juntamente com a Ir. Jalmira com toda a sua perícia e habilidade artística.

À medida que chegavam as ex-alunas e seus familiares, eram encaminhados pela "equipe de recepção" para assinar o "Livro de Ouro" de presença e tomar seu assento no salão, lindamente ornamentado, ostentando também o retrato do fundador – Dom Eugenio de Araújo Sales.

Num segundo momento, tivemos a apresentação de danças e ballet, realizado por um grupo da nossa paróquia da zona norte, que atua com muita arte e precisão. Num dado momento, uma pessoa especial receberia um ramallete de lindas flores, consagrando assim os laços com o Bom Pastor. A pessoa escolhida foi Maria dos Anjos de Castro, por ser a representante mais antiga da fundação, aqui presente. Ela veio de nossa casa de Fortaleza, onde fora criada na sessão das pequenas, acompanhando a Ir. Ma. do Coração Compassivo Gomes de Farias, primeira superiora da comunidade. Ma. dos Anjos ajudou muito nesses primeiros tempos e também ensinava bordado e desenho às internas. Casou-se e tem uma grande família. Continua fiel na sua amizade às Irmãs do Bom Pastor.

O terceiro momento constou de comes-e-bebes de "alto nível" trazidos pelas ex-alunas que capricharam de verdade: tortas, salgadinhos, bolos e refrigerantes. No centro o "bolo da festa" ostentando a vela dos 50 anos. Ao lado, a imagem de Sta. Ma. Eufrásia completava a ornamentação e trazia um profundo sentido para cada uma de nós.

Os intervalos foram preenchidos pelas conversas, depoimentos e manifestações de carinho e gratidão da parte das nossas ex-alunas. Gratidão que se estende a cada Irmã que trabalhou no Instituto Bom Pastor e deixou a marca do seu acolhimento e da sua dedicação. Cada uma queria recordar... Cecília, Rosa, Sta. Eulália, Ma. Lucía... uma lista interminável...! Não faltaram os retratos e filmagem para conservar a memória do grande reencontro no próprio BOM PASTOR. A Ir. Ma. Luci Sobral Leite veio abrilhantar a nossa

festa com sua presença e sua alegria. A Ir. Inês colaborou na equipe de recepção, acolhendo os convidados que chegavam.

Finalizamos os eventos dessa tarde na grande capela, com uma celebração de ação de graças, recordando os velhos tempos, as aventuras, as Irmãs que passaram por esta casa, oferecendo o melhor de si mesmas a fim de ajudar a refazer tantas vidas e permitir ressurgir a esperança em cada coração.

Recordamos ainda, com muita alegria, o grande florão que completa essa obra: as duas vocações que surgiram e continuam dando os seus preciosos frutos. Trata-se da Ir. Nair Bezerra da Trindade, professorinha dos anos 54... e Maria do Céu Bastos, aluna do internato, que seguiu a vocação contemplativa.

Por tudo isso, por esses 50 anos a "serviço da vida" demos graças ao Senhor que opera maravilhas!!! E continua operando através das Irmãs Servas do Coração Imaculado de Maria que nos substituíram desde o ano de 1990.

Na alegria da partilha, um grande abraço e todo o nosso carinho.
 Irmãs da comunidade de Natal

Jr. Neusa

P.S. Recordando um pouco a primeira fundação do Bom Pastor em Natal:

Fundador - D. Eugênio de Araújo Sales

Fundadoras - Ir. Ma. do Coração Compassivo Gomes Farias, Ir. Ma. Nazaré Lazary, Ir. Ma. do Coração Divino Amaro, Ir. Ma. da Apresentação Cavalcante e Ir. Ma. Aloísia de Melo que permanece firme e forte na comunidade do Rio Vermelho. A ela nossa homenagem de gratidão.

Data da fundação - 08 de fevereiro de 1951 com a celebração da Eucaristia pelo então Arcebispo de Natal - Dom Marcolino de Souza Dantas

Irmãs que trabalharam no INSTITUTO BOM PASTOR DE NATAL e ainda vivem, por graça de Deus: Irs. M. Francisca da Silva, Ma. Paulina, Ma. das Mercês, Anunciada Silva, Anunciada Rocha, Ma. Virginia Ribeiro, Ma. Cecília Fernandes, Ma. Rosa de Jesus Rodrigues, Ernestina, Ma. Lúcia, Ma. Germana, Brigida, Marister, Aldery; Inês franklin, Lygia Constantino e Sto. Nome de Mariu... Espero não ter esquecido o nome de nenhuma Irmãs. Se por acaso me falhou a memória, peço mül desculpas e desejo que reclamem e se apresntem, com todos os direitos...

